

## GT49: Integrando biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Velan Neto, Pedro da Glória

Desde suas primeiras investigações, na primeira metade do século XIX, até os dias atuais, a Antropologia Biológica brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, são ainda escassos os espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as Ciências Humanas no país, marca da Bioantropologia contemporânea, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Sempre orientado pelas recentes e cada vez mais proeminentes discussões em torno do que se tem chamado internacionalmente de uma Antropologia Integrada, em que perspectivas teórico-metodológicas de mais de um campo da Antropologia e áreas afins são postas em diálogo, este GT, nesta segunda edição, mantém os objetivos da anterior. Segue com o propósito de se consolidar como um espaço aberto, dentro das RBAs, a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre biologia e cultura no e a partir do Brasil.

### **Flora e fauna ressignificadas em sítios rupestres do Paraná: entrelaçando bioarqueologia, etnobiologia e identidades regionais**

#### **Autoria:**

No estado do Paraná, sul do Brasil, já foram documentados 400 sítios arqueológicos com pinturas rupestres e 50 com gravuras, alguns com as duas manifestações estéticas, além de sobreposições. Em alguns abrigos, especialmente no Campos Gerais, foram documentados grandes painéis bem como cenas isoladas, possivelmente relacionados a narrativas míticas, com rica diversidade faunística e florística. Aparecem áreas manejadas de árvores nativas, como pinheirais de araucárias e espécies consorciadas, além de plantas domesticadas, o milho e a mandioca, entre outras. Muitas representações mostram cenas de animais e plantas associadas a figuras humanas, algumas com seres sobrenaturais, híbridos, e a presença de máscaras e instrumentos musicais. Parte dos animais parece apresentar identificações e/ou marcas clânicas, com sequências de círculos e pontos, revelando assimetrias e a importância de integrar discussões antropológicas. Os pigmentos das pinturas, e que ocorrem em algumas gravuras, orgânicos e inorgânicos, possuem avermelhadas, amarelas, marrons e pretas. Em vários sítios com arte rupestre, no Paraná, datados entre 9 mil anos AP (antes do presente) e 300 anos AP, foram caracterizadas estruturas funerárias, tanto de sepultamentos primários, fletidos e estendidos, como secundários, algumas vezes em conjuntos e em fardos funerários, e ainda de cremação. Esses sítios rupestres são relacionados a vários povos originários, de paleoíndios a ceramistas, e a diferentes paisagens e litologias, ocorrendo da costa litorânea até o oeste paranaense. A ampliação das pesquisas, com filtros teóricos e novas tecnologias, possibilita caracterizar a diversidade da arte rupestre no Brasil. Muitos abrigos estão sendo impactados, devido a fragilidades multiplicadas por mudanças nas políticas públicas e na diminuição da aplicação de normativas ambientais e patrimoniais, sendo urgente a implementação de estratégias de gestão de longa duração e aproximação das comunidades locais. Entrelaçar dados de arte rupestre com a arqueologia da morte, a cultura material e as cronologias, que evidenciem territórios, podem colaborar na discussão de identidades regionais. Diferentes povos pintavam e gravavam nas rochas buscando delimitar o território, expressar a complexidade das

culturas, evidenciar as relações com o ambiente que ocupavam e marcar elementos míticos presentes no imaginário social, e somente os estudos sistemáticos podem trazer novos horizontes. Uma gestão eficiente de sítios é fundamental para conservar essa rica memória estética e simbólica.

[Trabalho completo](#)

## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

